

GONÇALVES DIAS E A RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DO ESPAÇO CULTURAL: PROPOSTA DE ENSINO DA LITERATURA MARANHENSE

GONÇALVES DIAS AND THE RECONSTRUCTION OF IDENTITY AND CULTURAL SPACE: PROPOSAL FOR TEACHING MARANHENSE LITERATURE

Recebido:04/10/2023 Aprovado: 30/11/2023 Publicado: 29/12/2023

DOI: 10.18817/rlj.v7i3.3437

Marta Helena Facco Piovesan¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-1136-5991>

Samara da Silva Sousa²

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0000-7656-1099>

Gleyciane Jordânia Santos Sousa³

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0003-2099-4487>

Manuely Cristina Sousa Dutra⁴

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0002-9347-7395>

Resumo: Esta pesquisa apresenta como tema central o incentivo ao ensino da Literatura Maranhense, resgatando a memória cultural e identitária da literatura indianista e nacionalista de Gonçalves Dias. Apresenta também a história de Caxias e Coelho Neto, resgatando as formações identitárias dessas cidades, incentivando também a leitura por meio de textos literários, fazendo com que os alunos conheçam a identidade e o espaço cultural maranhense. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, qualitativa e interpretativista, assumindo uma perspectiva em que a identidade e o espaço cultural vão sendo desenvolvidos e compreendidos por meio da história e do contexto social das cidades em que o *corpus* é gerado a partir de entrevistas narrativas consideradas como instrumento dinâmico, flexível e significativo. As entrevistas foram realizadas com dois historiadores que vivenciaram os acontecimentos das duas cidades. Após a realização das entrevistas, com gravação das histórias, foi feita a transcrição dos dados a partir de orientações da Análise da Conversação baseada em Marcuschi (2003) que valoriza a conversa do ser humano no momento da interação. Além disso realizou-se uma pesquisa de campo exploratória, descritiva e de cunho documental em que os resultados não são expostos em termos numéricos e sim provocam a busca pelo conhecimento, essencial para compreensão das particularidades das ciências sociais e a realidade no entorno das relações interpessoais históricas e culturais.

Palavras-chave: Gonçalves Dias; Literatura; Maranhense; Identidade; Cultura.

¹ Possui Graduação em Letras - Português e Literatura- pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras" Imaculada Conceição" (1985) - FIC de Santa Maria no RS. Especialista em "Atualização Pedagógica" pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em "Perspectiva Críticas da Literatura Contemporânea" pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutora em Linguística Aplicada pela Faculdade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS-RS. Atualmente é Professora Adjunta da Universidade Estadual do Maranhão- UEMA e é docente lotada no Departamento de Letras do Campus Balsas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, Literatura e Linguística. E-mail: martahpiovesan@hotmail.com

² Acadêmica do Curso de Letras da UEMA, Campus Coelho Neto, já finalizou o Curso e defendeu TCC, aguardando colar grau. E-mail: sousa1235656@gmail.com

³ Acadêmica do Curso de Letras da UEMA, Campus Coelho Neto, já finalizou o Curso e defendeu TCC, aguardando colar grau. E-mail: gleycisne@gmail.com

⁴ Acadêmica do Curso de Letras da UEMA, Campus Coelho Neto, já finalizou o Curso e defendeu TCC, aguardando colar grau. E-mail: manudutram@gmail.com

Abstract: This research presents as its central theme the encouragement of the teaching of Maranhão Literature, rescuing the cultural and identity memory of the Indianist and nationalist literature of Gonçalves Dias. It also presents the history of Caxias and Coelho Neto, rescuing the identity formations of these cities, also encouraging reading through literary texts, making students aware of the identity and cultural space of Maranhão. As for the methodology, it is a bibliographical, qualitative and interpretive research, assuming a perspective in which identity and cultural space are developed and understood through the history and social context of the cities in which the corpus is generated. based on narrative interviews considered as a dynamic, flexible and meaningful instrument. The interviews were carried out with two historians who experienced the events in both cities. After carrying out the interviews, with the recording of the stories, the data was transcribed based on Conversation Analysis guidelines based on Marcuschi (2003), which values human conversation at the moment of interaction. In addition, exploratory, descriptive and documentary field research was carried out in which the results are not presented in numerical terms but rather provoke the search for knowledge, essential for understanding the particularities of social sciences and the reality surrounding interpersonal relationships. historical and cultural.

Keywords: Gonçalves Dias; Literature; Maranhão; Identity; Culture.

1 Introdução

O ensino de Literatura no Ensino Médio é feito de forma tradicional, focado, quase sempre, somente no estudo para a memorização de informações “literárias” como características de escolas literárias, dados biográficos de autores etc., insistindo para que o aluno estude obras muito alheias à sua realidade e na transformação de uma obra de arte em um mero objeto de estudo. De acordo com os PCNs (1998), é de suma importância que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas na sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário.

Conforme colocado nos PCNs (1998), por meio do texto literário o aluno terá experiência diretamente relacionada ao horizonte de sua expectativa, em sua compreensão de mundo, ao seu comportamento social e entrará em contato com diferentes aspectos da Língua Portuguesa. Para que que esses resultados realmente ocorram é necessário pensar na forma como está sendo apresentada a Literatura na sala de aula, e em uma nova metodologia que ajude a melhorar este ensino.

Observou-se que tanto a Literatura Maranhense, quanto as obras de Gonçalves Dias nas escolas do Ensino Fundamental e Médio são pouco utilizadas, pois há uma grande carência de conhecimento literário sobre o Maranhão, portanto, precisa-se implementar a inclusão acerca dos estudos da Literatura Maranhense. Partindo desta

observação, o objetivo deste trabalho é apresentar o autor Gonçalves Dias e suas obras como resgate da memória e da reconstrução da identidade cultural do povo maranhense, valorizando a literatura indianista e nacionalista de Gonçalves Dias. Como também intermediar reflexões acerca da história de Caxias e Coelho Neto e incentivar a leitura por meio de textos literários maranhenses.

Além disso fez-se uma pesquisa de campo, exploratória e descritiva, de cunho documental. A abordagem teórico-analítica a ser utilizada nesta pesquisa é Análise de narrativas segundo Lopes e Bastos (2002), tendo como arcabouços teóricos os estudos da Análise da Conversação de Marcuschi (2003) dentre outros teóricos que abordam esses processos que evidenciam as marcas da identidade cultural. O presente trabalho de pesquisa é de natureza bibliográfica, qualitativa e interpretativista, tendo como arcabouços teóricos a construção de narrativas ressignificadas na interação.

Seguindo os estudos de Piovesan (2020), a abordagem teórica fundamentada na perspectiva da Análise da Conversação irá propiciar a observação de fenômenos linguístico-discursivos que contribuirão para a construção da identidade dos pesquisados além de outros fatores que possam surgir.

A Análise da Conversação possibilitou trazer elementos linguísticos que permitiram ver textualmente as identidades do povo maranhense sendo construídas nas narrativas bem como a história das duas cidades maranhenses pesquisadas, Caxias e Coelho Neto e a partir desse estudo compreender e identificar a identidade cultural de cada uma delas, viabilizando o espaço histórico por elas fundamentado.

A Escola Campo para a aplicação do projeto foi o Centro de Ensino Justino Silva Bastos, localizado na Avenida Antônio Guimarães, S/N em Coelho Neto – MA. Para a pesquisa de campo foi realizado um encontro literário na escola, com os alunos do 1º ano do Ensino Médio.

Através das manifestações culturais de um povo pode-se conhecer sua realidade e história. Nelas se encontram informações que revelam não só juízos de valor, mas também as questões históricas que levaram a eles. A cultura é uma representação da forma de pensar de um povo, refletindo como este se vê e como percebe o mundo ao seu redor (SILVA; SOUZA, 2006).

Deste modo, após apresentar o autor Gonçalves Dias e suas obras aos alunos, intermediou-se discussões acerca da importância da memória identitária da literatura indianista e nacionalista. Essa hipótese possibilitou que os alunos do 1º ano do ensino

médio pudessem se tornar leitores críticos e conhecedores da memória cultural do seu Estado, e que por meio deste conhecimento fossem capazes de debater temas relacionados às obras envolvidas no projeto em questão.

No decorrer da pesquisa também foram feitas entrevistas narrativas com dois historiadores que falaram sobre a história das cidades de Caxias e Coelho Neto, nas quais foram analisadas. Foram abordados também dois tipos de análises relacionadas ao discurso: análise da narrativa segundo Lopes e Bastos (2002) e análise da conversação segundo Marcuschi (2003) onde os entrevistados relataram a história das cidades de Caxias e Coelho Neto, contando as suas relações identitárias e culturais.

2 A formação literária no ensino médio

A literatura, como instrumento de formação educacional nas escolas do Ensino médio, atualmente, não tem despertado tanto o interesse do aluno. Pois há uma distorção do texto como recurso comunicativo, pois o aluno não sabe por que leu, desconhece quem escreveu o texto, não tem ideia do objetivo da leitura, não compreende a importância do texto, e não existe interação texto-leitor, que é necessário para o entendimento da mensagem.

A literatura precisa ser compreendida pelo educando como um fenômeno cultural, histórico e social. A função do professor na sala de aula é chamar a atenção dos alunos para o caráter ideológico dos textos literários, mostrando assim que as obras literárias são cheias de informações com valores ideológicos de uma época, costumes etc., que interferem na construção do texto.

A literatura age como instrumento de educação, de formação do homem, de humanização, uma vez que expressa realidades que a ideologia dominante tenta esconder. A literatura como forma de humanização ideológica de acordo com Cândido:

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...] Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [...]. Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir. [...]. É um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que

se tenciona escamotear lhe (CANDIDO, 1972, p. 805).

A literatura é uma forma de educar o ser humano de forma diferente do convencional, não tem um manual pronto para ensinar, ela dá escolhas para seguirmos sob nossa perspectiva. Ela é um bem cultural que ao acessarmos contribui para a formação e desenvolvimento da educação, sensibilidade, da concentração, do exercício da imaginação. Além de favorecer o acesso aos diferentes saberes sobre a cultura de povos e lugares, ela deixa em cada um de nós uma bagagem de conhecimentos e experiências que nos define como leitores e que se refletem em nossa formação humana e profissional.

Seu ensino ajuda o aluno a compreender a si mesmo, a sua comunidade e o seu mundo. No entanto, na escola há uma carência de conhecimento literário. O aluno não consegue perceber e compreender o significado do texto literário e os possíveis diálogos que os textos podem proporcionar.

A Literatura tem uma atuação sobre nós, por transmitir conhecimentos, resultando em aprendizados, mas vale enfatizar que ela não desempenha apenas esse papel quando se trata de produções literárias, pois o seu efeito ocorre devido à atuação que articula a relação da Literatura também com os direitos humanos (CÂNDIDO 1995).

O autor reflete sobre uma literatura que se manifesta como um caminho que desperta a consciência, fazendo com que lutemos pelos nossos ideais; alcança todos os níveis de formações sociais e culturais, desde o folclore até produções escritas de grandes autores literários.

Compreendemos que no âmbito escolar, apesar de todo esforço e criatividade dos professores e de sua formação continuada e da criação de projetos de leitura e de cultura, não têm contribuído de uma maneira eficiente para formar leitores aptos para a sua formação. Sendo assim faz-se necessário refletir o modo como a literatura vem sendo estudada nas escolas, a fim de avaliar o seu ensino-aprendizagem.

2.1 A formação cultural literária brasileira e seu surgimento por meio do Romantismo

Entende-se que o Romantismo é uma escola literária que privilegia a identidade

brasileira, dessa forma ela precisa ser abordada pelo professor como um bem cultural, como uma disciplina que vai contribuir para a formação social do aluno.

Até esta escola literária surgir no Brasil, a cultura era em grande parte inspirada nas tendências, modo de vestir, viver, entre outros na cultura europeia. Por esta razão alguns jovens brasileiros coordenados por Domingos José Gonçalves de Magalhães reuniram-se em Paris para articularem a formação de uma nova identidade cultural brasileira, que sucederia através da Literatura.

Este movimento literário é um período em que a natureza é bastante expressiva, seu objetivo era se diferenciar do pensamento iluminista, que pregava a objetividade e colocava a razão no centro do mundo. Por esse motivo o seu enfoque é a ideia de 'quebra' com os padrões previamente estabelecidos e pretendia excluí-los em benefício de um sentido novo. Portanto o Romantismo no Brasil surgiu a partir da vontade de estabelecer uma identidade própria brasileira e incentivar o nacionalismo de seus cidadãos. Nesse sentido, houve a necessidade de estabelecer os símbolos nacionais, de forma a construir uma identidade sem a influência portuguesa. Desse modo a natureza brasileira e os povos indígenas foram definidos como símbolos da nação. O indígena então se tornou uma personalidade literária heroica em equilíbrio com a natureza exuberante do Brasil.

Por meio de princípios românticos aconteceu um processo de pesquisa relacionado ao país e suas descobertas, não só sociais, mas também em relação à estética naturalista existente. Tudo isso para formar uma identidade brasileira, uma literatura no e do Brasil. Após essas pesquisas e descobertas, os escritores e suas criações românticas desenvolveram a visão sobre o Brasil e o homem brasileiro, buscando a todo o momento valorizá-los.

A identidade brasileira formada por esse estilo literário é de um país rico em suas diferenças sociais e geográficas, um exotismo que estimula e instiga o leitor a ler cada vez mais e a buscar novas informações sobre esse lugar extraordinário que está sendo desvendado aos poucos. Devido a essa tentativa de descoberta da identidade brasileira, Gonçalves Dias está incluído neste cenário, por ser um dos maiores representantes do Romantismo brasileiro e da literatura nacionalista e indianista, e por apresentar a verdadeira identidade do Brasil.

Nascido em Caxias no Maranhão foi o primeiro poeta brasileiro que se identificou com o Romantismo, o sentimento do seu povo e a consolidação do movimento romântico no Brasil. Acredita-se que a real motivação do autor pelo

indianismo, foi o fato de ser descendente do povo indígena e negro e por esta razão defendia o indígena e sua busca pela igualdade perante os europeus.

O Brasil não possuía uma identidade nacional clara, antes de Gonçalves Dias, efetivamente, todas as suas tradições, cultura e até mesmo a Literatura eram originadas da Europa, por isso que a literatura produzida no Brasil sempre estava ligada à sociedade europeia.

Gonçalves Dias foi um dos maiores autores da poesia indianista, foi o primeiro a introduzir os ideais de nacionalismo no Brasil. Segundo Silvio Romero (1980) isso porque Gonçalves Dias:

É o autor do que há de mais nacional e do que há de mais português em nossa literatura, é um dos mais nítidos exemplares do povo, do genuíno povo brasileiro. É o tipo de mestiço físico e moral (...). Gonçalves Dias era filho de português e mameluca, quero dizer descendia das três raças que construíram a população nacional e representava-lhes as principais tendências (ROMERO, 1980, p. 917).

Silvio Romero aponta que um autêntico brasileiro seria de suma importância para intensificar um movimento que mudaria a identidade nacional na literatura brasileira, pois Gonçalves Dias tinha todas as características éticas e morais de seus descendentes. Antônio Cândido (2000, p. 70 - 74) compara a poesia indianista de Gonçalves Dias como “antevisão lírica e épica das nossas origens, consolidando os princípios nacionalistas”.

No poema I Juca Pirama, Gonçalves Dias obtém o máximo de seus recursos expressivos, sobretudo pela força das imagens e pela riqueza e variedade dos ritmos. Este poema expõe todas as características do indianismo: lutas, coragem, defesa de honra, o heroísmo cavalheiresco revivido no selvagem idealizado e expõe também um elemento que seria o ritual antropofágico: “No meio das tabas de amenos verdes, cercadas de troncos- cobertos de flores, alteiam-se os tetos d’altiva nação, são muitos seus filhos, nos ânimos fortes, temíveis na guerra”. (AMARAL, 2000, p.123).

No poema, o autor deixa claro que para os indígenas morrerem assim em ritual como este é simplesmente de grande honra, visto que somente os guerreiros fortes, espertos e viris possuem o privilégio de morrer em tal ritual: “Basta! Clama o chefe dos Timbiras, basta, guerreiro ilustre! Assaz lutaste, e para o sacrifício é mister forças. O guerreiro parou, caiu nos braços do velho pai, que o cinge contra o peito, com lágrimas de júbilo bradando: Este, sim, que é o meu filho muito amado!” (AMARAL,

2000, p.123).

No poema I Juca Pirama, é notável que pela primeira vez a voz do povo indígena é reconhecida em relação ao homem europeu, ficam evidentes os medos, sentimentos e represálias que sofreu. Gonçalves Dias ao dar voz aos indígenas, neste poema, conseguiu tratá-los como seres humanos de forma igual aos homens brancos europeus.

O Romantismo no Brasil se caracterizou, num primeiro momento, pela busca da identidade nacional e resgate das tradições e valores da cultura popular e do folclore. Temas como os povos indígenas, a exaltação da natureza, os regionalismos e a realidade social do país são muito explorados pelos autores românticos. (WILL ASSUNÇÃO, 2022). Por isso, quando a literatura se configura como um dos componentes básicos para o estudo da formação de uma identidade nacional, ela precisa ser priorizada nas escolas, principalmente no Ensino Médio.

3 O indianismo como símbolo de identidade

Depois de sua independência, o Brasil ainda se sentia unido a Portugal, pois os escritores e estudiosos brasileiros eram formados em Universidades Portuguesas. Portanto o país precisaria se desligar de Portugal, de sua influência e principalmente de sua cultura para se tornar totalmente independente e ter a sua própria identidade cultural. A necessidade da criação de uma identidade nacional era iminente, para isso a Literatura foi uma ferramenta de suma importância para a formação da sociedade, pois tratou de transmitir os interesses da criação de uma identidade nacional.

Dentro do estudo sobre a formação da identidade do Brasil, surgiram duas literaturas no período colonial que ajudaram bastante no estudo da identidade e representatividade brasileira: a Colonial e a Pós-Colonial; a primeira foi escrita por autores genuinamente brasileiros, mas a estética e espaço eram influenciados pela cultura Portuguesa. Já a literatura Pós-Colonial, foi escrita por autores brasileiros, mas com a estética e característica do Brasil. Por isso Cândido (1993, p.15) intitulou o processo de criação dessa identidade literária como “renovação literária”.

A escolha do indígena como elemento de representatividade do povo brasileiro, tornou-se relevante, pois, antes do Brasil se formar, os indígenas já se encontravam no território brasileiro; o Brasil se formou às custas das conquistas dos territórios destes povos. Aqueles que não morreram tiveram que se submeter à escravidão

ocasionada pelos portugueses.

As palavras de Ricardo (1996) expressam muito bem como se deu o processo de formação no Brasil:

O português fica encantado com o nosso índio, que lhe pareceu pitoresco e irá escravizá-lo na colonização. Polígamo por excelência, gostou mais da índia, que esta, sim, lhe aguça a concupiscência desde o primeiro instante, com as suas “vergonhas tão cerradinhas” e demais encantos. Ou porque a nudez, já lhe fosse um afrodisíaco, um convite irrecusável, ou porque fizesse de conta que ela era a “moura encantada”, o caso é que a mulher do mato lhe pareceu mais bonita, mais apetitosa que a do reino (RICARDO, 1996, p. 69).

Antes do Brasil ser achado pelos portugueses, não se podia falar de nacionalidade, pois ele ainda não tinha se formado. Os portugueses se sentiram atraídos fisicamente pelas índias e encantados pelos povos indígenas por eles serem puros e formosos. Por isso foram escravizados e explorados, e essa junção motivou a construção do indianismo como identidade nacional.

Gonçalves Dias determina o indígena como peça principal do nacionalismo, assim, os povos indígenas foram eleitos como personagem de maior representatividade, considerando que o branco era tido como o colonizador europeu, e o negro, como escravo africano. Desse modo o índio foi considerado como único e legítimo representante da América. Dessa maneira, a literatura brasileira encontrou no indígena um símbolo da nacionalidade autêntica, de amor intenso à terra e defesa do território.

Conforme Santos (2009), Pero Vaz de Caminha descreve que o indígena despertou o interesse dos portugueses, por isso muito antes da formação do nacionalismo brasileiro o índio ocupou o seu espaço na literatura como protagonista.

Os indianistas, por sua vez, tentaram fazer da figura do indígena mais que um assunto; tentaram transformá-lo num herói. Sodré (1969) destaca ainda que nenhum autor tinha interesse em trazer o indígena para a criação literária, ainda que fosse apenas como assunto.

Gonçalves Dias enaltece os povos indígenas para demonstrar a ambição dos portugueses, mas ele não destaca que estes, além de matarem os índios, tiraram do negro sua família e a sua liberdade em troca de poder.

O negro não poderia ser considerado como um protagonista da literatura, pois tratava-se de uma produção literária escrita majoritariamente por autores brancos, em

que o negro é objeto de uma literatura reafirmadora de estigmas raciais. Porém o indígena nunca vai se submeter ao papel de escravo, ou um mero objeto de uma literatura de estigmas raciais, pois ele prefere a morte do que ter sua liberdade privada (SODRÉ, 1969).

Durante muito tempo os viajantes definiam a América apenas valorizando a beleza e fertilidade da terra e criticavam a falta de civilização. O Indianismo surge do interesse de transformar esta perspectiva e passa a ser definido diante de tudo que a Europa não é (ROUANET, 1991).

Resultante da junção de Portugal e Brasil, o indianismo se constitui em um dos principais aspectos assumidos pelo Romantismo brasileiro. A concepção de construir os povos indígenas como símbolo da nacionalidade brasileira colidiu na resistência da corrente de ideias propostas que propunham métodos para consolidar o estado e a literatura genuinamente brasileira.

Para Souza Pinto (1931, p. 12), a verdadeira representação da nacionalidade brasileira é o indianismo, pois tem uma perspectiva melancólica e ao mesmo tempo encantadora da pátria tropical. Segundo Cândido (1993), o índio de Gonçalves Dias não é mais autêntico pelas circunstâncias do ser mais índio, porém ele é mais poético e romântico como é evidente em *I-Juca Pirama*.

Os indígenas não desaparecem da literatura nacional, no final do período modernista encontram-se presentes narrativas com tramas ficcionais que permeiam as definições da antropologia do nosso tempo. Na obra de Mario de Andrade “Macunaíma” (1978), o indígena é o personagem principal com maior representatividade da identidade nacional brasileira, pois coloca o personagem Macunaíma como “um herói sem caráter”, ele quer dizer que o povo brasileiro é um povo sem caráter, mas este caráter não no sentido moral, e sim no cultural, afirmando que não tivemos nossas características em nossa cultura, sofremos influências de nossos colonizadores.

Por fim, temos uma nova visão definitiva da produção de obras brasileiras relacionadas ao povo indígena. Obras estas que são desenvolvidas por autores indianistas, na qual por consequência o indígena deixa de ser o “assunto”, para assumir o papel de protagonista. Encerrou-se então a ideia de que o indígena dependia apenas da literatura branca para ser destaque na sociedade brasileira, e passou a ter originalidade e liberdade, construindo a sua própria nacionalidade.

Gonçalves Dias foi o único autor brasileiro que conseguiu falar categoricamente

do indígena brasileiro, poeta maranhense nascido e criado em Caxias, orgulhava-se de suas origens. Tinha sangue branco, negro e indígena, esta mistura de etnias domina a formação cultural do Brasil. Por isso sua importância na literatura nacional maranhense retratando o povo indígena como figura principal da formação identitária nacional maranhense.

As histórias de Caxias e Coelho Neto precisam ser resgatadas, elas se interligam, pois em 1612 a cidade de Coelho Neto era ainda comarca de Caxias, depois recebeu o nome de Coelho Neto para homenagear o autor, também caxiense. Conforme Santos (2009), resgatar as histórias das cidades por meio dos discursos históricos construídos nas narrativas, revela um vasto repertório no que se refere a elementos patrimoniais, culturais e históricos relevantes, caracterizando-as como um lugar de memórias, não somente no sentido de enaltecê-las, mas, sobretudo, como objeto de reflexão e questionamento.

4 A análise de narrativas

Uma das partes principais para o desenvolvimento da pesquisa no campo das análises da fala-em-interação é a Análise de narrativa, que é o discurso construído na ação de se contar histórias em contextos cotidianos ou institucionais, em situações ditas espontâneas ou em situação de entrevista para pesquisa social (LOPES & BASTOS, 2002). Essa é uma área que associa tanto abordagens estruturais quanto interacionais da narrativa na perspectiva do discurso.

Para o desenvolvimento da pesquisa, no que tange à análise de narrativas, utilizaram-se as narrativas de histórias das cidades de Caxias e Coelho Neto – MA, as narrativas aconteceram por meio de entrevistas espontâneas realizadas pelas pesquisadoras, acadêmicas da UEMA, Universidade Estadual do Maranhão.

Foram entrevistados dois historiadores, conhecedores da região, que nasceram antes dos anos 70 com informações pertinentes a esta pesquisa. Essas entrevistas foram gravadas para a realização das transcrições para as análises dos dados e durante todo o desenrolar das entrevistas, os entrevistados sempre se colocaram à disposição para explicar do que se tratava, esclarecer dúvidas que poderiam surgir sobre o estudo, objetivando o tema do trabalho, levando em consideração sua importância para a pesquisa em questão, para assim obter as informações necessárias.

De acordo com Garcez (2001), contar histórias em interação tem uma centralidade cultural e uma organização regrada que é parte dos métodos implícitos de que o ator social abre mão para interagir em sociedade. O ator social “sabe” em que situações são permitidas as histórias; o que pode ou não ser contado em uma situação social; de que modo a experiência contada será transmitida entre os atores sociais que puderam ouvi-la.

As pesquisas desenvolvidas pela análise da narrativa se beneficiam de diferentes formas em todas as áreas de estudo, sendo possível também contribuir para essa pesquisa, oferecendo parâmetros discursivos para o trabalho.

4.1 Narrativa dos historiadores

As narrativas contadas pelos historiadores irão revelar aspectos históricos e culturais importantes na construção da história das duas cidades, Caxias e Coelho Neto. As narrativas não se delimitam ao universo das produções jornalísticas e de entretenimento, mas de histórias reais com fins diferenciados que criam discursos sobre a realidade social e cultural do povo maranhense.

Logo abaixo temos a entrevista com o entrevistado 1, e a partir dela iremos caracterizar alguns elementos da narrativa presentes no discurso.

Excerto 1

21		então foi a primeira denominação de Coelho Neto foi Curralinho... então a partir
22		daí curralinho tornou-se um lugar muito conhecido né? e despertou o interesse
23		de pessoas virem morar por aqui por sinal o primeiro morador daqui de Coelho
24	E1	Neto que a história registra foi Paulo Vaz Freire... né? foi o primeiro morador...
25		então quem era esse cidadão? ele era um sesmeiro... né você sabe que o Brasil
26		na época era dividido em seis Marias e essas seis Marias esse Paulo Vaz Freire
27		ganhou uma... o rei de Portugal agraciou ele com uma sesmaria aqui na beirada
28		do rio... né?...

No excerto acima, é possível identificar, diante do relato do historiador que a primeira denominação da cidade de Coelho Neto, foi “Curralinho” e que teve como primeiro morador Paulo Vaz Feire que foi um dono de sesmaria, que eram terrenos pertencentes a Portugal e entregues para ocupação.

É possível identificar um elemento da narrativa que é o espaço, que é onde a narrativa vai ser desenvolvida, na linha 21: “Então foi a primeira denominação de Coelho Neto foi Curralinho”. O espaço é um elemento que marca o local onde é desenvolvida a narrativa, nesse caso do excerto, que é a cidade de Coelho Neto. De

acordo com Lopes e Bastos (2002, p. 63) os espaços são importantes, pois representam os constructos teóricos da dialogicidade quem conta certas histórias para quem, situacionalidade em que espaços culturais, históricos e institucionais e constitutividade do discurso e possibilitam um arcabouço teórico que explica como na análise das práticas narrativas se tem acesso à socioconstrução das identidades sociais e culturais. Portanto, quem narra uma história sempre vai possibilitar ao ouvinte uma identificação do seu espaço e do local para que se construa sua identidade social, histórica e cultural.

No excerto abaixo, apresentaremos alguns elementos importantes dentro da narrativa.

Excerto 2

12		o que a gente viu de Coelho Neto assim nos últimos cinquenta anos que é o
13		digamos assim... o que eu tenho de memória ativa e afetiva é que Coelho Neto
14		era uma cidade muito próspera na década de sessenta e setenta assim a minha
15		infância ela remonta ao grupo João Santos... que o Grupo João Santo ele chega
16		em Coelho Neto no início da década de setenta... setenta e quatro mais
17		precisamente... né?... porque os... a família Bacelar é construído o grupo em
18	E2	meados dos anos sessenta... setenta e cinco... setenta e seis a a... usina de
19		de... açúcar e e... a fábrica de papel na época se eu não me engano era
20		agropema alguma coisa assim eh... que depois que o grupo João Santos
21		assumiu ele... ele troca de nome né? ele muda o nome da Usina e bota o nome
22		da da... da fábrica de papel que inicialmente era em Isabel né e e... depois vira
23		Itapajé e Itajubá vai havendo a mudança de de... novos nomes de ação social...
24		mas continua a mesma coisa...

Quando se trata de uma narrativa é importante destacar que, dentre os elementos, o tempo é um fator determinante, ou até mesmo uma data e é esse elemento que vai fazer uma marcação do tempo dentro da narrativa, é possível verificar esse fator nas linhas 12 – 18 que inicia assim: “o que a gente viu de Coelho Neto assim nos últimos cinquenta anos que é ...”. Diante dessa fala, podemos destacar a “memória histórica do lugar”, ou seja, a cidade naquela época era próspera, valorizava a cultura. A economia era superior a diferentes épocas, e a cultura da cidade foi se modificando de acordo com o tempo, pois a sociedade foi se transformando e assim modificando o lugar. E isso determina que o espaço caracteriza que uma narrativa tem uma sequência, onde ela vai narrando os acontecimentos da história. Bauman (2005, p. 12) esclarece que o conceito de “comunidade e identidade estão associados ao sentimento de pertencimento, ou seja, a história da cidade se remete a pessoas que nela moram, a cultura e a identidade fazem parte da história e do povo”. O pertencimento, nesse excerto, destaca-se na

medida em que o entrevistado se põe como conhecedor da história local, narrando com propriedade e conhecimento todos os fatos ocorridos ao longo do tempo. A descrição da história e do espaço físico em que vive é o elo comum que levará à identificação das pessoas formadoras do ambiente.

Segundo Piovesan (2020), as narrativas estão ligadas a contextos socioculturais e cada fragmento narrativo é uma manifestação cultural contextualizada que estabelece relações entre o evento contado, o texto e a situação em que é contada a história.

5 As identidades construídas na interação

Segundo Hall (1990), identidade é a compreensão de quem somos e de quem os outros são e, reciprocamente, o entendimento dos outros, de quem são e de quem somos. Por sua vez, a identificação pode ser, de modo simplificado, caracterizada pelas formas como em suas relações sociais, indivíduos e coletividades se distinguem de outros indivíduos e coletividades.

O encontro entre o entrevistado e o entrevistador é um ato consciente, demarcado, quase uma encenação teatral na qual é dado ao narrador total liberdade para construir, para si próprio e para o outro, uma imagem de si, ou seja, a sua própria identidade cultural (WORCMAN; COSTA, 2017). Com esse ato de consciência gerado pelo entrevistador, é possível interagir com naturalidade e permitir que os participantes idealizem suas identidades por meio das suas narrativas.

A rigor, a Análise da Conversação é uma tentativa de como as pessoas se entendem ao conversar e como elas sabem que estão se entendendo e agindo de forma coordenada e cooperativa. E os seus conhecimentos linguísticos são usados para a compreensão recíproca, e assim criam, desenvolvem e resolvem conflitos interacionais.

Segundo Marcuschi (2003), a análise da conversação é a descrição das estruturas da conversação e seus mecanismos organizadores. Sendo o princípio básico de que todos os aspectos da ação e interação social poderiam ser analisados e caracterizados em termos de organização estrutural convencionalizada ou institucionalizada. Isto explica a predominância dos estudos organizacionais da conversação. Portanto a construção da identidade se dá por meio das interações discursivas do ser humano com o seu meio social. As entrevistas são interações

discursivas, que por meio delas o entrevistado vai contar histórias, e a identidade se constrói e se torna compreensível ao ator social, ampliando assim o conhecimento a respeito de si e do outro. A autoimagem também é construída a partir das relações estabelecidas nos grupos em que o ator social convive.

Conforme Bastos (2005), a análise de narrativa com os estudos do discurso da análise da conversação e das identidades sociais no âmbito da Linguística Aplicada contemporânea, dá-se na construção de sentidos identitários, sendo uma das consequências do engajamento nessa prática discursiva que é a produção e a interpretação da narrativa. As escolhas que fazemos ao nos introduzir como personagens em certos cenários, em meio a outros personagens e ações, dão-se em função do modo como nos posicionamos em relação a esses elementos e nos afiliamos a certas categorias sociais, mesmo que contingencialmente, sendo parte de um processo de apresentação e interpretação de pelo menos algumas dimensões de quem somos: “ao contar histórias, situamos os outros e a nós mesmos numa rede de relações sociais, crenças, valores, ou seja, ao contar histórias, estamos construindo identidades”. (BASTOS, 2005, p. 81).

Estudos como os de Lopes e Bastos (2002) olharam para a narrativa e ressaltaram em sua análise a dinamicidade do processo de construção identitária, ou seja, a conversação é um meio de se construir e entender a identidade histórica e cultural de um povo, fazendo com que ele se reconheça enquanto comunidade.

No excerto abaixo identificaremos a identidade cultural sendo construída dentro da narrativa.

Excerto 4

4		eu sou... posso dizer assim... que eu sou coelhonetense da gema... nasci aqui
5		há cinquenta e dois anos lá na rua antiga Rua Nova que agora é a avenida
6		Santana número quarenta e oito e a gente presenciou muita coisa sendo daqui
7		e eu tenho impressão que eu vou morrer por aqui... não tenho a intenção mais
8	E2	de sair... já construí muita coisa aqui em Coelho Neto... fiz parte da cultura...
9		de todo momento assim marcante e continuo contribuindo tanto na cultura
10		como na educação... o que a gente viu de Coelho Neto assim nos últimos
11		cinquenta anos que é o digamos assim... o que eu tenho de memória ativa e
12		afetiva é que Coelho Neto era uma cidade muito próspera...

No excerto acima podemos apresentar a referência dentro do discurso, quando o entrevistado diz nas linhas 4-12: “eu sou... posso dizer assim... que eu sou coelhonetense da gema...” e “...a gente presenciou muita coisa sendo daqui...” e “...eu vou morrer por aqui...”, ainda, “...o que eu tenho de memória ativa e afetiva...”. Diante

dessa narrativa é possível identificar a noção de tópico discursivo, que qualifica macroestruturas semânticas ou o tema discursivo, aquilo sobre o que se está falando em um discurso, não necessariamente considerando a frase. Para este tipo de tópico a unidade é o discurso e não a frase. Portanto é possível observar a identidade, nessa concepção sociológica, pois preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior"— entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, 1990).

A história de vida é a narrativa construída a partir da memória de cada um e corresponde àquilo em que se vive e que se conhece. Ao usar a primeira pessoa e se incluir como sujeito daquele lugar na linha 04 “eu sou coelhonetense da gema...”, o narrador adentra historicamente em seu contexto social permeado de experiências e conhecimentos do lugar que contribuem para a construção de sua identidade. Ainda ao utilizar a expressão “da gema”, coloca-se como nascido lá e conhecedor da história e da cultura.

Nas linhas 8-12 “...já construí muita coisa aqui em Coelho Neto... fiz parte da cultura... de todo momento assim marcante e continuo contribuindo tanto na cultura como na educação...” há uma marcação de tempo, “já construí” e “continuo contribuindo”, ligando passado e presente, a continuidade da participação plena como sujeito pertencente àquele lugar. Para marcar mais a sua experiência como morador inserido no lugar em que habita, utiliza dois referentes nas linhas 4 e 7: “...nasci aqui...” e “...vou morrer por aqui...”. Nesse momento, percebemos a identidade marcada pela relação entre o “eu” e o “espaço” bem-sinalizada pelos referentes “eu”, “nasci” e “morrer”. Esse arranjo textual mostra o significado do lugar vivido, em que o espaço geográfico constrói uma representação do “eu”.

Assim, podemos observar que as narrativas são um espaço privilegiado para construir identidades. O posicionamento do “eu” e a “identificação do lugar” propiciam um campo de investigação no qual a relação entre o individual e o social constituem princípios fundamentais para a constituição das identidades.

6 Proposta de ensino da Literatura maranhense

Este capítulo discorre sobre as análises dos resultados obtidos da escola pública Centro de Ensino Justino Silva Bastos que fica localizada na Avenida Antônio Guimarães - bairro Quiabos/Coelho Neto – MA CEP: 65620-000. Por meio de uma apresentação oral, usando o recurso audiovisual abordando o tema deste trabalho.

A proposta a seguir foi elaborada a partir de uma organização dinâmica, baseada no ensino com metodologias ativas. Para Camargo e Daros (2018), a aula expositiva é fundamental no âmbito escolar, mas deve ser algo secundário, para complementar o processo de aquisição de conhecimento. Portanto tem aumentado o interesse dos professores pelas metodologias ativas, que são estratégias pedagógicas que consistem na autonomia do aluno sobre seu próprio conhecimento, nesse caso, o professor deve agir como coadjuvante, construindo alternativas para facilitar o desenvolvimento cognitivo dos estudantes.

Etapa 1: No início, é necessário que o professor, a partir de uma aula expositiva, explore a contextualização da obra de Gonçalves Dias “Canção do Exílio” e sua biografia, através de slides, explicando sua importância e a intenção do autor de denunciar as questões sociais, como as injustiças políticas, machismo, a violência, haja vista que são problemas sociais que ainda acometem atualmente, fazendo uma associação com a realidade.

Etapa 2: Baseado no que apresentamos para as turmas, é interessante contextualizar as práticas de ensino como forma de atrair o interesse dos estudantes, então uma atividade de produção textual foi passada para as turmas, onde os mesmos por meio de uma resenha dissertassem sobre o que entenderam do que foi passado. Quando se utiliza a linguagem para produzir/construir discursos, os sujeitos falantes de uma língua estabelecem sentidos e criam uma rede de informações e conhecimentos relacionados a fatores históricos, culturais, identitários e sociais.

A partir da análise dos dados foi possível compreender a carência da Literatura como um todo, principalmente a Literatura em questão: maranhense. Após a apresentação da palestra nas turmas de 1º ano, os alunos passaram a conhecer um pouco sobre a sua história de vida e sobre sua escrita literária. Com base na produção textual que os alunos produziram, eles puderam conhecer a sua identidade histórica e cultural maranhense e o espaço cultural presentes historicamente nas cidades de Caxias e Coelho Neto tendo como principal autor Gonçalves Dias.

A proposta teve como intuito apresentar na escola do Ensino Médio oficinas literárias criando produções textuais como a poesia relacionada à literatura maranhense. Além disso, criar saraus literários referentes às obras de Gonçalves Dias, pois ele foi o precursor do Romantismo, indianismo e nacionalismo brasileiro e por consequência incentivou a produção literária brasileira. A importância das obras de Gonçalves Dias para os alunos é de grande relevância pois, assim, eles podem conhecer a história do Brasil como também compreender e conhecer a identidade histórica cultural brasileira e maranhense.

Assim como esta proposta de ensino da literatura maranhense se aplica ao autor Gonçalves Dias, ela também pode se estender ao autor Coelho Neto, aplicando-se às suas obras, com o objetivo de divulgar e incluir o estudo da literatura maranhense nas escolas.

Considerações finais

A presente pesquisa apresenta os dados da análise da reconstrução da identidade e o do espaço cultural a partir de entrevistas gravadas e que foram fundamentadas na Análise da conversação de Marcuschi (2003). Por meio dessa pesquisa objetivou-se conhecer e compreender a identidade e o espaço cultural das cidades de Coelho Neto e Caxias em relação a Gonçalves Dias, analisando identidades e espaços que fazem parte da história das cidades citadas.

Diante deste contexto, as análises que foram construídas por meio das histórias narradas nas entrevistas, permitiram ampliar um olhar mais específico em torno da identidade de cada cidade e, apesar de cada uma ter a sua identidade particular, ainda assim estão interligadas socialmente e culturalmente.

Além disso foi feita uma pesquisa de campo, onde apresentamos por meio de uma organização dinâmica, baseada em um ensino inovador, Gonçalves Dias e sua biografia e apresentando um pouco sobre o tema da proposta em mini palestras em salas de 1º ano.

A partir da pesquisa que foi realizada foi possível compreender que os alunos do 1º ano da escola campo não tinham o conhecimento básico sobre a Literatura maranhense e tampouco sobre o autor Gonçalves Dias. Posteriormente à palestra, os alunos conheceram sobre a história do autor e a sua importância na construção da identidade cultural e histórica do povo maranhense presente historicamente nas

idades de Caxias e Coelho Neto.

Os discursos das entrevistas narrativas demonstraram que as histórias refletem o mundo, o apego dos entrevistados à sua terra natal. As histórias construídas ao longo do tempo naquele lugar testemunham que o tempo e o espaço são como coordenadas de sistemas de representação diretamente ligadas aos processos sociais.

Em suma, a pesquisa atingiu seu objetivo, de forma que os historiadores narraram a história das cidades estudadas, identificando suas identidades e espaços culturais de forma a analisar as narrativas quanto aos arcabouços teóricos, proporcionando o conhecimento dessa área para que seja cada vez mais perpassada e a informação seja valorizada e transmitida no contexto do Ensino Médio, para que o alunado conheça a literatura maranhense, construindo uma educação plena, em que se valorizem os espaços culturais, os autores e as identidades de uma região.

Referências

AMARAL, Emília *et al.* *Português: novas palavras: literatura, gramática, redação*. São Paulo: FTD, 2000.

ANDRADE, Mário de. Macunaíma. Rio de Janeiro: *Livros Técnicos e Científicos*. São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

ASSUNÇÃO, Will; *Literatura – Romantismo no Brasil*. Disponível em: <https://www.willassuncao.com.br/> Acesso em 05/10/2022.

BASTOS, Liliana Cabral. *Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa*. Calidoscópio: São Paulo, 2005.3/2:74-87.

BAUMAN, Zygmund. *Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRASIL, *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Língua Portuguesa*. Brasília: MECSEF, 1998.

CANDIDO, Antônio. *A literatura e a formação do homem*. in: *Ciência e Cultura*. São Paulo, Vol. 4, n. 9, PP 803-809, set/1972.

CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1993.

CANDIDO, Antônio. *O direito à literatura*. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas

idades; Ouro sobre azul, 1995, p. 169-91.

CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

GARCEZ, Pedro. *Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana*. In: RIBEIRO, Branca Telles et al. *Narrativa, identidade e clínica*. Rio de Janeiro: Ipub, 2001.

HALL, S. *Cultural identity and Diaspor*". In RUTHERFORD, J. (org.). *Identity*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

LOPES, Luiz Paulo & BASTOS, Liliana Cabral (orgs.). *Identidades: Recortes multi e Interdisciplinares*. Campinas, SP: CNPq/Mercado de Letras, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Editora ática, 2003.

PIOVESAN, Marta Helena Facco. *A Construção de identidades: (des)encontros no Sul do Maranhão*. Curitiba: CRV, 2020.

RICARDO, Cassiano. *Gonçalves Dias e o indianismo*. In COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1996. V. 2, p. 65-129.

ROMERO, Silvio. *História da Literatura brasileira*. Rio de Janeiro: J. Olimpio, 1980.

ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991.

SANTOS, Lao. *O percurso da indianidade na literatura brasileira: matizes da figuração* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SANTOS; Willian Soares. *A Entrevista na Pesquisa Qualitativa. Perspectivas em análise da narrativa e da interação*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

SILVA, Fernanda Isis C.; SOUZA Edivanio Duarte de. *Informação e Formação da identidade Cultural: o acesso à informação na literatura de cordel*. *Inf. & Soc.:Est.*, João Pessoa, v.16, n.1, p.215-222, jan./jun. 2006

SODRÉ, Néelson Werneck. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

SOUZA PINTO, Manuel de. *Gonçalves Dias em Coimbra*. Coimbra: Coimbra, 1931.

WORCMAN, K.; COSTA, A. O. *A construção do eu nas narrativas de vida*. *Comunicações*, Piracicaba, v. 24, n.3, p. 331-354, set./dez. 2017